

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

JÉSSICA SILVA VIAL

**VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA
PRODUÇÃO EM REVISTAS CIENTÍFICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA
(2010 A 2020)**

VITÓRIA

2022

JÉSSICA SILVA VIAL

**VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA
PRODUÇÃO EM REVISTAS CIENTÍFICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA
(2010 A 2020)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Espírito Santo como
requisito parcial para obtenção de título de
Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Silverio
Nascimento.

VITÓRIA

2022

JÉSSICA SILVA VIAL

**VIOLÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO EM
REVISTAS CIENTÍFICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (2010 A 2020)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Universidade Federal do Espírito Santo
como requisito parcial para obtenção de título
de Licenciada em Educação Física.

Aprovado em _____ de abril de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Silverio Nascimento
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Erineusa Maria da Silva

Prof. Dr. Fabio Luiz Loureiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de ter chegado até aqui e tenho a Ele toda gratidão.

Agradeço aos meus pais Maria da Penha e Adenilson Vial, por todo apoio (tanto financeiro, amoroso, cuidador), pela minha existência e por nunca terem deixado de acreditar que eu poderia me formar. Faço isso por vocês, que infelizmente, não puderam ter o mesmo estudo que o meu.

Agradeço minha irmã, pelo apoio e carinho e pela confiança em mim depositada, me fazendo de espelho para seus estudos.

Agradeço a minha Namorada Mislayne, por me acompanhar nas noites mal dormidas, pelo incentivo e amor que tem dado. Pelos puxões de orelha necessários e pelos cafezinhos da madrugada. Agradeço também por tantas vezes me acalmar nas crises de ansiedade por não estar conseguindo produzir e por ouvir minhas escritas milhares de vezes, quando eu perguntava se estava bom.

Agradeço as pessoas que de alguma forma me ajudaram e por aqueles que algum momento poderão ler.

Agradeço a Universidade Federal do Espírito Santo pelos ensinamentos e, principalmente, à Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia pela paciência de todo esse período e processo de trabalho, pela ajuda e por confiar que eu seria capaz de terminar meu curso. A ela, toda minha gratidão.

EPÍGRAFE

“A violência não é força, mas fraqueza, nem nunca poderá ser criadora de coisa alguma, apenas destruidora.” (Benedetto Croce)

RESUMO

O trabalho realizou levantamento e caracterização da produção científica sobre a temática “Violência nas aulas de educação física”, na escola, veiculada em sete revistas científicas da Educação Física (Movimento (A2), Revista da Educação Física/UEM (B1), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte – USP (B1), Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1), Licere (B2), Motrivivência (B2) e Pensar a Prática (B2)), entre os anos de 2010 e 2020. A pesquisa visa a identificação da quantidade de artigos publicados e a distribuição da produção pelo período analisado, pela filiação institucional dos autores, pela natureza da instituição profissional dos autores, pelo tipo de autoria e tipologia dos textos. Além disso, caracteriza os autores por região da instituição profissional, pela titulação e por gênero. Quanto aos objetivos, caracteriza-se uma pesquisa exploratória e quanto aos procedimentos, uma pesquisa bibliográfica. A seleção do *corpus* da pesquisa foi realizada por meio da leitura de todos os sumários de todos os volumes analisados a fim de identificar os artigos que faziam referência à temática estudada. Nos casos de dúvida, foram lidos os resumos, excluindo os textos que não faziam referência ao tema. Foram identificados 18 artigos que abordaram o tema violência nas aulas de Educação Física de um total de 5.240 artigos publicados em sete revistas. Na distribuição temporal, destacamos o ano de 2013 com quatro publicações do total de publicações. As revistas Movimento e Pensar a prática se destacam com maior número de publicações sobre a temática (seis artigos cada). A região sudeste sobressai as demais regiões com maior números de autores (18) e a UFRGS como instituição com maior filiação (8). As instituições públicas dispõem do maior número de autores (37) e de publicações (15). Na caracterização dos autores, verificamos os 18 artigos foram escritos por 48 autores. Desses, 27 são homens e 21 mulheres. Dos 48 autores com titulações identificadas, 22 são doutores e com total autoria coletiva, com predominância de artigos originais (13).

Palavras-chave: Produção Científica. Revistas Científicas. Violência. Educação Física.

ABSTRACT

The study researched and typified the scientific production on the topic of “Violence in physical education classes” at school, published on seven physical education science magazines (Movimento (A2), Revista da Educação Física/UEM (B1), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte - USP (B1), Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1), Licere (B2), Motrivivência (B2) and Pensar a Prática (B2)), between the years of 2010 and 2020. The study aims to identify the amount of papers published and their distribution along the period in question based on the author’s institutional affiliations, the nature of the author’s professional institution, the type of authorship and typology of the texts. Furthermore, typifying the authors by region, title and gender. As for the objectives, it constitutes exploratory research and for the methods, bibliographic research. The selection of the body of research was executed through analysis of the table of contents of all volumes analyzed to identify the papers referring to the theme of study. Where there was doubt, the abstracts were read, enabling the exclusion of papers that did not refer to the theme. Eighteen papers were identified regarding the topic of violence in physical education classes in a total of 5.240 articles published in the seven magazines. In regards to temporal distribution, the year of 2013 stands out with four publications. The magazines Movimento and Pensar a Prática stand out with most papers published on the theme (six papers each). The Southeast region stands out with the greatest number of authors (18) and the UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) as the institution with most affiliations (8). Public institutions hold the greatest number of authors (37) and publications (15). Regarding the characteristics of the authors, it was verified that the 18 papers were written by 48 authors. Of which, 27 are male and 21 female. Of the 48 authors identified by their titles, 22 are doctors, all the authorship was collective, with a prevalence of original articles (13).

Keywords: Scientific production. Science magazines. Violence. Physical Education

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Distribuição temporal dos artigos

Gráfico 2 – Distribuição temporal dos artigos por revista

Gráfico 3 – Distribuição da produção pela filiação institucional dos autores

Gráfico 4 – Distribuição da produção pela natureza da instituição profissional dos autores

Gráfico 5 – Distribuição dos autores por região

Gráfico 6 – Distribuição dos artigos por titulação dos autores

Gráfico 7 – Distribuição dos autores por gênero

Gráfico 8 – Distribuição da produção por tipo de autoria

Gráfico 9 – Distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas

Gráfico 10–Tipologia dos textos

LISTA DE TABELA

TABELA 1 – Artigos selecionados do tema

TABELA 2 – Autoria dos Artigos

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- RBCE** – Revista Brasileira de Ciências do Esporte
- SEDUC** – Secretária de Estado da Educação de Goiás
- UAB** – Universitat Autònoma de Barcelona
- UBA** – Universidad de Buenos Aires
- UCM** – Universidad Complutense de Madrid
- UCB** – Universidade Católica de Brasília
- UEM** – Revista da Educação Física
- UEPG** – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- UERJ** – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UFSM** – Universidade Federal de Santa Maria
- UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina
- UFSCar** – Universidade Federal de São Carlos
- UFG** – Universidade Federal de Goiás
- UFMT** – Universidade Federal de Mato Grosso
- UFV** – Universidade Federal de Viçosa
- UGF** – Universidade Gama Filho
- UMINHO** – Universidade do Minho
- UMC** – Universidade de Mogi das Cruzes
- UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas
- UnB** – Universidade de Brasília
- UNIMONTES** – Universidade Estadual de Montes Claros
- UNIFIEO** – Centro Universitário Fieo
- UNIVERSO** – Universidade Salgado de Oliveira
- USP** – Universidade de São Paulo
- USJT** – Universidade São Judas Tadeu

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
2 VIOLÊNCIA: TIPOLOGIA E CONCEITO.....	16
2.1 VIOLÊNCIA NA ESCOLA E NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	18
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Um dos meios de indicar o crescimento tecnológico e científico de um país é a produção de conhecimento divulgada em artigos publicados nas revistas científicas¹ de todas as áreas. Alves (2013, p. 14), explica que “[...] o desenvolvimento econômico, político e social de um país está intimamente relacionado ao crescimento da ciência e tecnologia”. Por esse motivo, as nações têm priorizado a realização de pesquisas científicas que visam o desenvolvimento de novas tecnologias e da sociedade, corroborando para o crescimento de produção científica mundial e fazendo-os se tornarem os maiores produtores e fomentadores de novos trabalhos científicos publicados no mundo (FAPESP, 2010).

Segundo Vanz (2009, p. 17), a avaliação da atividade científica “[...] representa um processo fundamental em países onde a ciência é financiada majoritariamente por investimentos públicos [...]”. Porém, esses valores são limitados e acarreta uma competição entre setores da sociedade para que possam garantir sua participação nos objetivos políticos, sociais e econômicos do país.

Segundo Domingos (1999), a produção científica tem grande importância ao ser estudada, visto que fornece um mapeamento das contribuições, necessidades e *déficits* nas diferentes áreas de conhecimento. Na visão de Witter e Domingues, citados por Lourenço (1997), a produção científica está ligada diretamente aos cursos de pós-graduação, quer pelo seu fazer científico, quer pelo seu papel na formação de professores e pesquisadores, além de ser um divisor entre países, reduzindo a dependência social, econômica e cultural com a melhora de seu empenho. Além da produção em larga escala, realizam também pesquisas em diversas áreas de conhecimento contribuindo para a formação da sociedade (CHIARINI; VIEIRA, 2012).

¹ De acordo com Stumpf (1997), o uso dos termos "periódicos científicos" ou "revistas científicas" é diferenciado pelo tipo de profissionais que os utilizam. Os bibliotecários preferem a denominação "periódicos científicos", utilizando esta forma de expressão como termo técnico. Já os pesquisadores, cientistas, professores e estudantes preferem a denominação "revistas científicas". Este grupo muitas vezes nem se preocupa em qualificar os termos "revistas" pelo adjetivo "científicas", considerando que o próprio ambiente acadêmico em que estas publicações são usadas dispensa esta qualificação. Neste trabalho, utilizaremos os termos como sinônimos.

De acordo com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2021), nos últimos seis anos, houve um crescimento de 27,1% na produção científica mundial e no mesmo período, 32,2% na produção brasileira. “No período 2015-2020, foram indexados na WoS um total de mais de 11 milhões de artigos. Desse total, cerca 372 mil são artigos produzidos com a participação de, pelo menos, um autor vinculado a instituições brasileiras. Em 2020, essa participação alcançou 3,2% da produção mundial” (CGEE, 2021, p. 22). Segundo o CGEE (2021, p. 13)

[...] no que concerne à colaboração de pesquisadores de instituições brasileiras com outros países, verifica-se forte concentração na colaboração com os EUA e na área de Física, em que é comum acontecer grandes colaborações, com a participação de muitos autores. A parceria com outros países da América do Sul ainda é muito baixa, sendo que a colaboração com a Argentina, principal parceiro, não representa 2% do total dos artigos publicados no período estudado.

De acordo com Nascimento (2003, p. 13811), “Entre os diversos canais usados para comunicar a ciência, as publicações se destacam como um dos mais importantes, principalmente por sua propriedade de permanência dos registros e seu alcance geográfico”. Diante disso, toda vez que um cientista descobre algo novo ou termina um trabalho de pesquisa, ele dissemina seus resultados para a comunidade científica e geralmente esses trabalhos são publicados no conhecido periódico científico.

Segundo Ohira (2000, p.27) periódico científico é todo “[...] tipo de publicação seriada, que se apresenta sob a forma de revista, boletim, anuário, etc. editada em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado”. De acordo com as autoras, ele tem como principal objetivo o estabelecimento da ciência “certificada”. Além disso, garante o registro público do conhecimento; serve como indicador de performance acadêmica para o pesquisador; exerce uma função social ao conferir prestígio e reconhecimento; atua como canal de comunicação promovendo integração entre os cientistas; serve como arquivo ou memória científica através da indexação e bibliotecas (OHIRA *et al.*, 2000). No entanto, para a efetivar todas essas funções, é preciso que o periódico se estabeleça e se consolide e, para alcançar tal objetivo, necessita da presença de uma comunidade científica e o fomento das suas atividades de pesquisa.

[...] Portanto, o maior ou menor desenvolvimento desse veículo de comunicação dependem: do estágio de desenvolvimento da área científica cujas idéias eles veiculam; de uma comunidade engajada na atividade de pesquisa e da afluência de artigos para publicação; da existência de grupos e instituições que desempenham funções típicas de edição, avaliação, publicação, disseminação e recuperação; da existência de mercado representado por uma comunidade de usuários que o legitimem; de infraestrutura para distribuição, recuperação e acesso às informações (MIRANDA, 1996, p.2).

Desse modo, em razão do reconhecimento das revistas como importantes canais de comunicação da ciência, o estudo se interessa pela produção científica sobre a violência no âmbito escolar, com enfoque nas aulas de educação física. A pesquisa foi feita com base nas publicações de sete revistas de Educação Física brasileira, visando à identificação do número de artigos publicados; a distribuição temporal dos artigos; a distribuição da produção pela filiação institucional dos autores; a distribuição da produção pela natureza da instituição profissional dos autores; a distribuição dos autores por região; a distribuição dos artigos por titulação dos autores; a distribuição da produção por tipo de autoria; a tipologia dos textos e a distribuição dos autores por gênero.

O interesse sobre esse estudo vem de vivências do projeto PIBID e dos estágios obrigatórios da universidade, já que no período dentro da escola, foi visto muitos casos de violência entre os alunos do ensino infantil. Logo, o surgimento de um sentimento sobre estudar a temática.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere a sua finalidade, esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2002), busca maior proximidade e familiaridade com o assunto proposto, além de permitir uma investigação detalhada e formular possíveis hipóteses do fenômeno. De acordo com o autor, a maioria dessas pesquisas envolvem um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Quanto aos procedimentos adotados, o estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, que em concordância com Lakatos; Marconi (2003, p. 183)

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações, em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas ou gravadas.

A seleção das revistas tomou como base o *Qualis* periódicos² da Capes, e adotou os seguintes critérios: ser editada por instituição nacional ligada à área; ter abrangência nacional; possuir corpo editorial qualificado; disponibilizar, *online*, todos os números publicados no período analisado (2010 – 2020); apresentar, em seu escopo, a possibilidade de receber publicações relacionadas à temática. A partir desses critérios, foram selecionadas sete revistas situadas nos estratos A2, B1 e B2: Movimento (A2), Revista da Educação Física/UEM (B1), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte/USP (B1), Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1), Licere (B2), Motrivivência (B2) e Pensar a Prática (B2).

Para a seleção do *corpus* da pesquisa, a busca foi realizada por meio da leitura dos sumários de todos os números publicados pelas revistas no período analisado, com o objetivo de identificar os trabalhos que fazem referência à temática violência escolar. Para isso, realizamos a leitura dos títulos e, nos casos de dúvidas, do resumo, sendo excluídos os textos que não constituíam referência clara à proposta do trabalho.

Todos os artigos encontrados foram armazenados em um banco de dados criado no *software* Excel da Microsoft a fim de realizar a caracterização a partir dos seguintes campos: nome da revista, volume, ano da publicação, número da publicação, título do artigo, autor(es) do artigo, quantidade de autores, titulação do(s) autor(es), gênero do(s) autor(es), região da instituição, instituição do(s) autor(es) e a tipologia do texto.

² Consiste em um sistema utilizado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos. A classificação é realizada pelos comitês de consultores de cada área de avaliação seguindo critérios que procuram refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero (CAPES, 2017).

2 VIOLÊNCIA: TIPOLOGIA E CONCEITO

A violência é um tema complexo que apresenta diferentes conceitos e interpretações e pode ser estudada por pesquisadores de diversas áreas, como teologia, biologia, psicologia, antropologia, filosofia, sociologia, entre outras. Além disso, a violência está situada em toda sociedade, independentemente do gênero, da classe, da etnia, dos grupos sociais etc. A palavra violência se origina do latim, *Violentia*, que “[...] expressa o ato de violar outrem ou de se violar” (PAVIANI, 2016, p.8). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1996, p. 5), violência³ consiste no

[...] uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação.

Essa definição está associada à intenção da realização do ato, independente do resultado. As amplas definições de violência implicam diretamente na sua exposição e estudos, pois não se reconhece como objeto próprio. A falta de uma área específica para estudos relacionados à violência, levam ao entendimento de um fenômeno de invisibilidade social (SCHRAIBER; D’OLIVEIRA, 1999). Essa invisibilidade se faz na área da educação física escolar, já que não temos muitos autores que se relacionam com o tema.

A violência, ao que tudo indica, sempre fez parte da humanidade e a sua consequência pode ser vista e vivida de diversas maneiras, seja em forma de palavras, trazendo prejuízo psicológico, ou na forma física. Desde a primeira prática de violência (na forma de canibalismo que apareceu, em média, 780 mil anos atrás), até os dias atuais, a sociedade sofre com atos violentos e a “[...] humanidade não deve aceitá-la como um aspecto inevitável da condição humana” (DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1164). Segundo Paviani (2016, p. 10)

Além do conceito de violência, há o problema das formas de violência. Sua classificação depende dos critérios escolhidos, das evidências da realidade empírica, dos modos de combater a violência e de outras modalidades. O conceito de violência é tão amplo que dificilmente as classificações abrangem todas as formas [...].

³ World Health Organization. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO;1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2).

De acordo com o Centro Estadual de Vigilância em Saúde – CEVS (Brasil, 2018) as violências podem ser classificadas em:

Violência auto infligida – Suicídio, autoagressão e tentativas de suicídio;

Violência interpessoal (doméstica/intrafamiliar) – Violência entre parceiros íntimos e familiares, não acontecendo somente em casa. Traz prejuízos psicológicos, físicos, de bem-estar e sem o direito de ir e vir;

Violência interpessoal (extrafamiliar/comunitária) – Acontece em qualquer ambiente social, por conhecidos e desconhecidos através de agressões, violação da integridade e bens;

Violência física – Maus-tratos e abusos físicos com uso indevido de força física intencionalmente, não-acidental, com a intenção de ferir, provocar dor e sofrimento, usando o próprio corpo ou objetos, incluindo armas de fogo e armas brancas;

Violência psicológica/moral – É qualquer forma de dano psicológico. Desrespeito, punições psicológicas, discriminação, rejeição, humilhações, entre outras. Conduta abusiva e atitudes sistêmicas que causa danos a autoestima, identidade e desenvolvimento pessoal;

Tortura – Constranger outra pessoa com emprego de força e ameaça, causando sofrimento físico e mental, a fim de obter informações, declarações e confissões, provocando ações criminosas.;

Violência sexual – Qualquer ação de uma pessoa, utilizando da sua força e seu abuso de poder, obrigando a pessoa de qualquer idade ou sexo de participar ou presenciar interações sexuais, com o objetivo de obter lucros, vingança ou outra intenção. Incluindo atos de estupro, incesto, assédio sexual, sexo forçado ou sem consentimento (também com uso de armas e drogas), pedofilia e pornografia infantil, além coerção, chantagem e suborno, também estão inclusos, entre outras práticas.

Tráfico de seres humanos – Inclui prostituição, trabalho sem remuneração, transferência e alojamento de pessoas, remoção e comercialização de órgãos, além do casamento servil;

Negligência/abandono – Omissão de cuidados e necessidades básicas para o desenvolvimento físico, emocional e social da vítima;

Trabalho Infantil – Ações e atividades desempenhas por crianças (com valor direto ou indiretamente), inibindo-a de viver sua infância e adolescência, limitando seu desenvolvimento e crescimento seguro e saudável.

Para que a violência se encaixe em uma das classificações, é necessário analisar a qual grupo ela está sendo direcionada: crianças, adolescentes, mulheres, pessoas idosas, pessoa com deficiência, indígenas, população LGBT, etc. (BRASIL, 2016). Portanto, constatamos a existência de diversas classificações de violência. Importante destacar que, independente da sua tipologia, ela age sempre no intuito de causar dor, sofrimento e destruição do indivíduo, seja fisicamente, psicologicamente, seja em relação a seu desenvolvimento pessoal e social.

2.1 VIOLÊNCIA NA ESCOLA E NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A definição de violência escolar é complexa. Para Abramovay (2002, p. 21), “[...] O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do *status* de quem fala [...], da idade e, provavelmente, do sexo”. O que remete a fenômenos heterogêneos e rompem a ideia de representantes sociais. Segundo Lopes Neto (2005, p. 165)

[...] O termo ‘violência escolar’ diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários.

Charlot (2002, p. 434) aponta três conceitos: a violência *na* escola, *da* escola e *à* escola. A violência *na* escola: “[...] aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar”. Apenas uma forma de utilizar o espaço da escola para situações de violência. Violência *à* escola: “[...] ligada à natureza e às atividades da instituição escolar”. Diretamente ligada a funcionários, professores e estrutura geral pertencente a escola. E violência *da* escola: “[...] uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam”. Tal maneira imposta por atribuição de notas (trabalho e prova), racismo e injustiça. Essas atribuições são feitas

pelos próprios alunos das instituições. O autor divide a violência em 3 grandes categorias.

a. Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; b. Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; c. Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT, 2002, p. 67).

Sabe-se que, muitas vezes, os conflitos que ocorrem nas aulas podem ser interferência da cultura exterior, como casa e família, além de interesses diversos. Ao saírem de casa, os alunos podem se sentir inseguros e começam a mostrar poder e força. Quando isso ocorre, a possibilidade dele se tornar um agressor é grande e, a partir disso, começam as ondas de violência.

De acordo com Faria Junior e Faria⁴, “[...] a educação física é uma disciplina que não tem sido poupada pelas manifestações de violência e as brigas geralmente começam por motivos banais, como uma discussão por causa de uma rixa desportiva”. Esses momentos ditos como “banais”, podem levar a situações de agressões e até mesmo chegar em casos extremos⁵, fazendo o professor e escola refletirem sobre seus papéis.

O ato de não saber perder, ou ganhar e fazer isso de “gozação” para com o outro, a falta de habilidade na prática de algumas atividades, a aparência dos corpos, todos esses são possíveis geradores de brigas, discussões e violência no ambiente escolar. Segundo Lopes Neto (2005, p. 165)

O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo.

⁴ Faria Junior e Faria (1999, p. 376) apud Chagas (2014, p. 7).

⁵ Artigos que relatam situações de morte. Situações pela qual saem do controle do professor, ou pode ocorrer por episódios fora do espaço da escola.

Visto que a violência não é só física, Abramovay (2009, p. 4) afirma que “[...] A violência não é vivenciada apenas como atos de agressividade, e sim como o modo habitual e cotidiano de relacionamento, de tratamento do outro”. Como exemplo, temos o *bullying* que pode ser compreendido como “[...] todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder (LOPES NETO, 2005, p. 165).

Muitos alunos carregam apresentam comportamentos e atitudes violentas, causando problemas e deixando de lado o companheirismo e cooperação. Nesse sentido, o professor de Educação Física deve desenvolver mecanismos para que as aulas sejam mais cooperativas e harmônicas, evitando assim, conflitos e gerando conhecimento, além de promover uma relação interpessoal e de valores (FILHO; SCHWARTZ, 2006).

Para Kaminski e El Tassa (2010, p.4)

Os conteúdos da Educação Física podem propiciar aos alunos momentos de reflexão, estimulando-os a pensar e a repensar nas suas atitudes durante as aulas. Cabe à Educação Física assumir também um papel social e transformador, de uma educação que se preocupa com a formação de atitudes e valores, para que desta forma o homem possa viver em sociedade sem agredir ou prejudicar o outro.

Na visão de Mello e Campos (2018, p, 741), a Educação Física, como componente curricular da Educação Básica

Apresenta um potencial socializador e educativo que pode promover benefícios na formação biopsicossocial dos alunos em relação ao enfretamento de comportamentos e atitudes violentas. Suas atividades proporcionam experiências afetivas, emocionais, cognitivas, motoras e sociais que podem contribuir com o processo saudável de relacionamento interpessoal.

Contudo, os autores enfatizam que, sozinho, o professor de Educação Física não irá solucionar o problema da violência na escola, mas sua prática pedagógica pode desenvolver uma educação de valores que contribua para a convivência social dos alunos. Os autores relatam que estudos sobre a violência nas aulas de Educação física apontam

[...] fatores relacionados à prática pedagógica do professor que podem facilitar a manifestação de situações de violência, como a pouca variedade entre as atividades práticas, a ausência do diálogo entre professor e aluno, aulas desestimulantes e sem metodologia adequada, a omissão do professor em situações conflituosas, a ausência de planejamento, a predominância do conteúdo “esporte” (praticado sob códigos de rendimento) e a existência da violência simbólica do professor, representada por condutas agressivas (MELLO;CAMPOS, 2018, p. 742).

No entanto, apesar de concordarmos com os autores ao se referirem à necessidade de uma prática do professor de Educação Física que possa colaborar para uma convivência respeitosa e menos violenta, corroboramos, também, com Ferreira (2010, p. 122) ao afirmar que

[...] a temática da violência e suas formas de manifestação devem ser trabalhadas com mais afinco por todos aqueles envolvidos na dinâmica escolar, pois aos que presenciam cotidianamente essas práticas e delas toma partido, faz-se necessário um aprofundamento pela temática, evitando, com isso, possíveis rotulações, e reduções do fenômeno à práticas corriqueiras e sem atenção devida. O professor deve, além de atentar para comportamentos que podem despertar as práticas de violência, intervir e promover o debate acerca dos episódios ocorridos, encontrando soluções conjuntas para melhoria do ambiente das aulas. Mas não deve ser um trabalho isolado, pois como são vários os fatores intervenientes nessa dinâmica, os mesmos devem ser considerados quando se pensar em estratégias mais eficazes para tratamento das práticas de violência.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para a realização do estudo, foram selecionadas sete revistas científicas de educação física brasileira (Revista Brasileira de Ciências do Esporte, LICERE, Pensar a Prática, Motrivivência, Movimento, Revista da Educação Física – UEM online e Revista de Educação Física e Esporte - USP) que, durante o período pesquisado (2010 a 2020), publicaram 5.240 artigos. Desse total, apenas dezoito tratam da temática estudada, representando 0,34% do total. Importante destacar que duas revistas não apresentaram publicações sobre o tema (Revista de Educação Física e Esporte/ USP e Licere).

As revistas Pensar a Prática e Movimento publicaram seis artigos cada; a Revista da Educação Física/UEM publicou três; a Motrivivência publicou dois e a RBCE um artigo, conforme demonstra a Tabela 1.

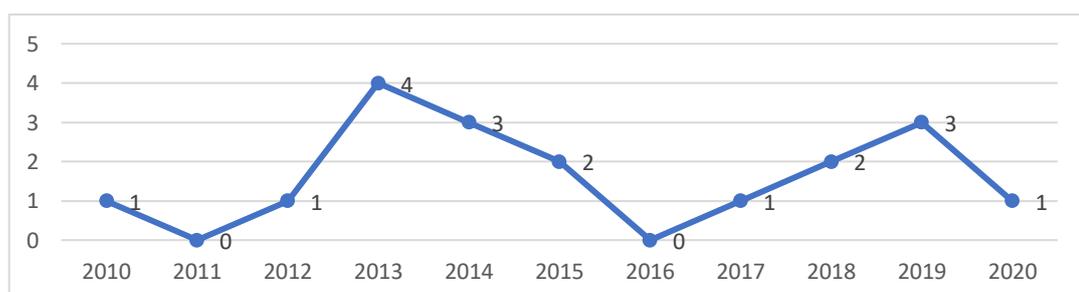
Tabela 1 – Artigos selecionados do tema (continua na página seguinte)

REVISTA	ANO	VOLUME	NÚMERO	TÍTULO
MOTRIVIVÊNCIA	2013		40	Cotidiano e práticas corporais; o lúdico e a violência em cena.
MOTRIVIVÊNCIA	2015	27	45	Jogos eletrônicos e violência.
MOVIMENTO	2013	19	2	Prática desportiva, um meio de prevenção de bullying na escola?
MOVIMENTO	2013	19	4	Sobre “a vida como ela é”: os professores de educação física e as violências na escola pública municipal de porto alegre.
MOVIMENTO	2013	19	4	MMA e Educação física escolar: A luta vai começar.
MOVIMENTO	2015	21	2	Bullying e as relações de gênero presentes na escola.
MOVIMENTO	2018	24	3	Violência simbólica na educação física escolar: uma análise crítica das experiências negativas do futuro docente de educação primária.
MOVIMENTO	2020	26		Consequências da violência armada carioca para as aulas de educação física
PENSAR A PRÁTICA	2010	13	2	Percepção docente sobre as relações de agressividade, lúdico e bullying na escola.

PENSAR A PRÁTICA	2012	15	2	Ocorrência de Bullying nas aulas de Educação física em uma escola do Distrito Federal
PENSAR A PRÁTICA	2014	17	3	Produções acadêmicas sobre violência, agressão e agressividade em periódicos brasileiros de educação física.
PENSAR A PRÁTICA	2014	17	4	Agressividade, violência e budô: temas da educação física em uma escola estadual em Goiânia.
PENSAR A PRÁTICA	2018	21	4	Situações de violência nas aulas de educação física e a prática pedagógica do professor.
PENSAR A PRÁTICA	2019	22		Interpretando o lugar da Educação Física Escolar na “cultura de violências”: notas de uma etnografia.
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (RBCE)	2014	36	1	Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar.
REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM. ONLINE)	2017	28	1	A violência ritual nas aulas de educação física
REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM. ONLINE)	2019	29	1	Intervenções pedagógicas do professor em relação a conflitos percebidos entre os alunos durante as aulas de Educação Física.
REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM. ONLINE)	2019	30	1	Formação profissional e violência: uma revisão sistêmica dos estudos realizados entre os anos de 2000 e 2017.

A distribuição dos artigos encontrados ao longo do período analisado pode ser observada no Gráfico 1.

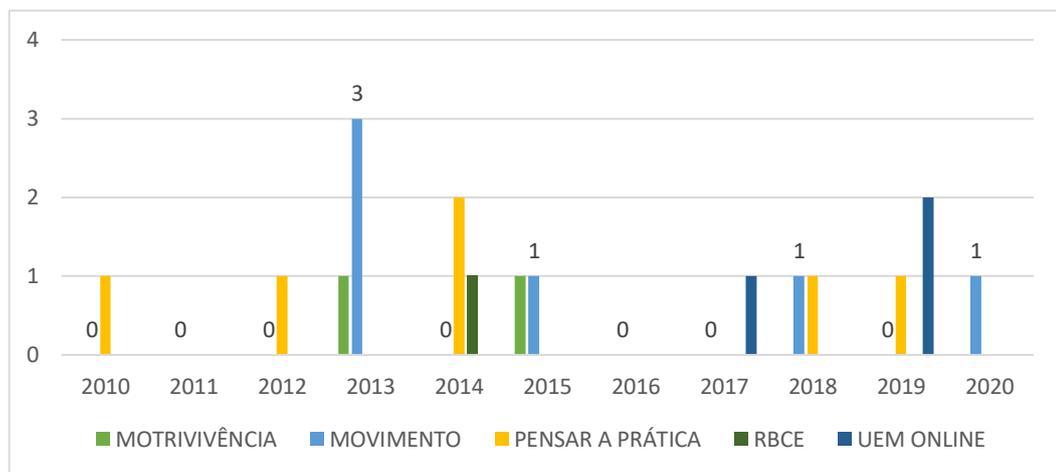
Gráfico 1 – Distribuição temporal dos artigos.



De acordo com o Gráfico 1, dos dez anos analisados, apenas dois (2011 e 2016) não registraram produção sobre a temática. Nos demais, as publicações variam de um a quatro artigos.

Os anos de 2010, 2012, 2017 e 2020 registraram a publicação de um texto. Em 2015 e 2018 foram encontradas duas publicações por ano. Já em 2014 e 2019 foram identificados dois artigos em cada e, em 2013, quatro. A distribuição dos artigos por revista ao longo do período analisado está representada pelo Gráfico 2.

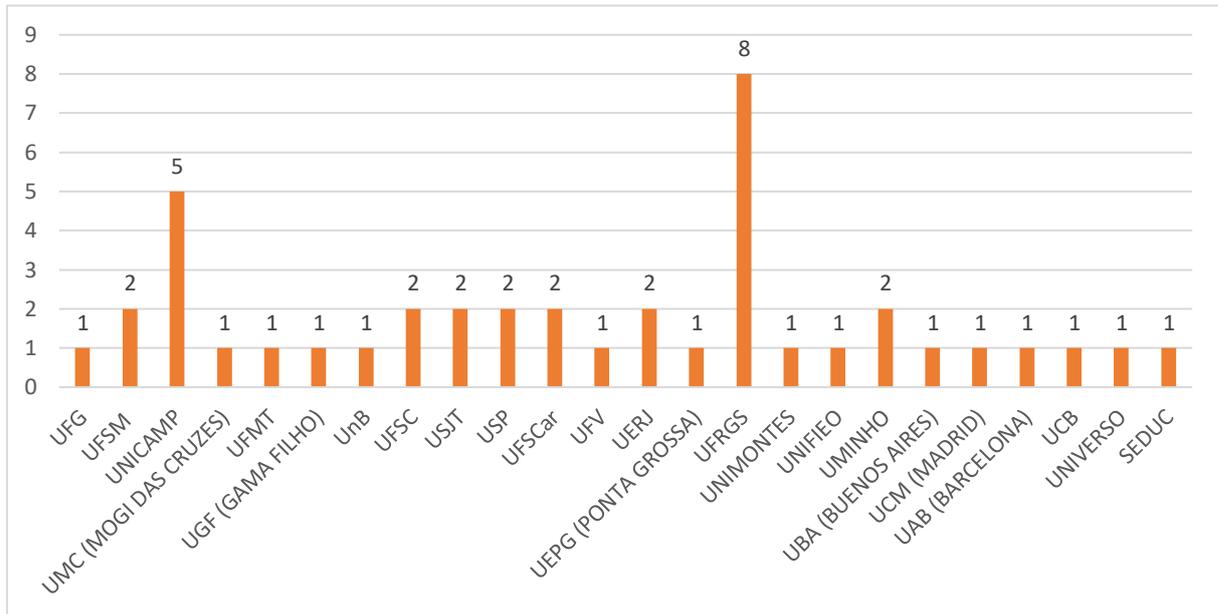
Gráfico 2 – Distribuição temporal dos artigos por revista



As revistas Movimento e Pensar a Prática publicaram seis artigos cada. Os textos publicados na Movimento se dividem entre os anos de 2013 (três), 2015, 2018 e 2020 (um). Já na Pensar a Prática, os de 2010, 2012, 2018 e 2019 registraram uma publicação cada e, em 2014, duas. Dos três textos da Revista da Educação Física da UEM, um foi publicado em 2017 e dois em 2019. A Motrivivência publicou em 2013 e 2015, ambos com um artigo. E, por fim, a RBCE com apenas um artigo publicado no ano de 2014.

A fim de caracterizar a produção científica estudada, buscamos identificar a instituição de origem dos autores dos artigos com objetivo de perceber as que mais contribuem para a discussão da temática (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Filiação institucional dos autores



Na análise do vínculo institucional, identificamos 42 autores oriundos de 24 instituições localizadas em diferentes regiões do Brasil e, também, instituições estrangeiras. Dentre as instituições, destacamos a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com oito autores. Em seguida, temos a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com um total de cinco autores.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade São Judas Tadeu (USJT), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade do Minho - Portugal (UMINHO) aparecem com dois autores por instituição.

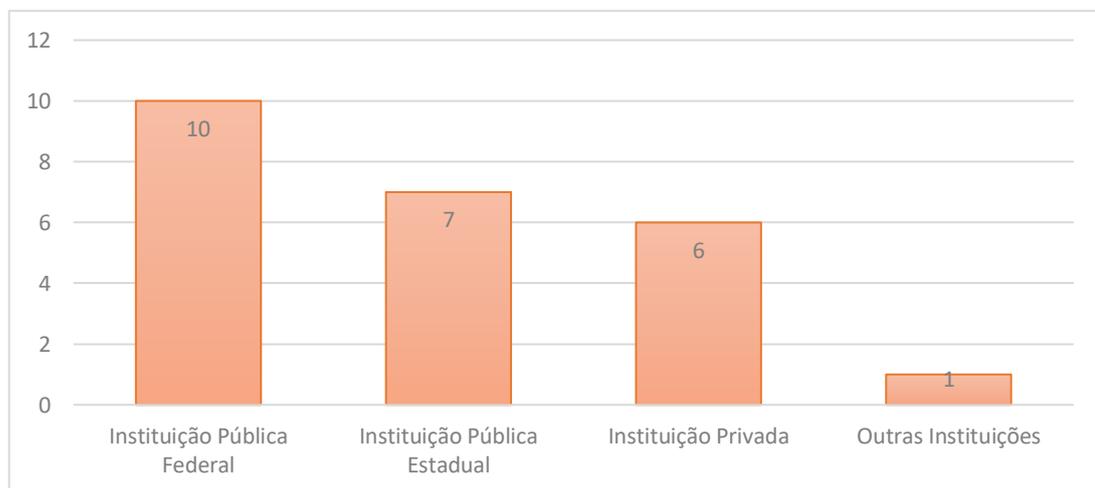
Os demais autores são vinculados a outras instituições que apresentam registro único: Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Gama Filho (UGF), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), o Centro Universitário Fieo (UNIFIEO), a Universidad de Buenos Aires – Argentina (UBA), Universidade Complutense de Madrid (UCM), Universitat Autònoma de Barcelona (UAB – Barcelona), Universidade Católica de Brasília (UCB),

Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e a Secretaria de Estado da Educação – Goiás (SEDUC).

A explicação para o número alto de autores da UFRGS é em função da autoria coletiva, já que quatro deles assinam um artigo sobre o tema na revista Pensar a Prática e outros três assinam um artigo na Movimento. Vale ressaltar que um autor, Fabiano Bossle, aparece na produção de dois artigos, publicados nas duas revistas.

No Gráfico 4, na análise dos autores pela natureza das instituições (pública federal, pública estadual e privada) temos o seguinte resultado:

Gráfico 4 – Distribuição dos autores pela natureza da instituição profissional



Na análise do vínculo dos autores, observamos que das 24 instituições, dezoito são públicas, aparecendo como as principais produtoras sobre o tema nos últimos dez anos. Entre essas, dez são universidades públicas federais (UFG, UFSM, UFMT, UnB, UFSC, UFSCar, UFV, UFRGS, UMINHO, UCM – Madrid), sete são universidades públicas estaduais (UNICAMP, USP, UERJ, UEPG, UNIMONTES, UBA – Buenos Aires, UAB – Barcelona) e uma foi classificada como outras instituições (SEDUC), somando 75% das instituições públicas. As outras seis são universidades privadas (UMC, UGF, USJT, UNIFIEO, UCB e UNIVERSO).

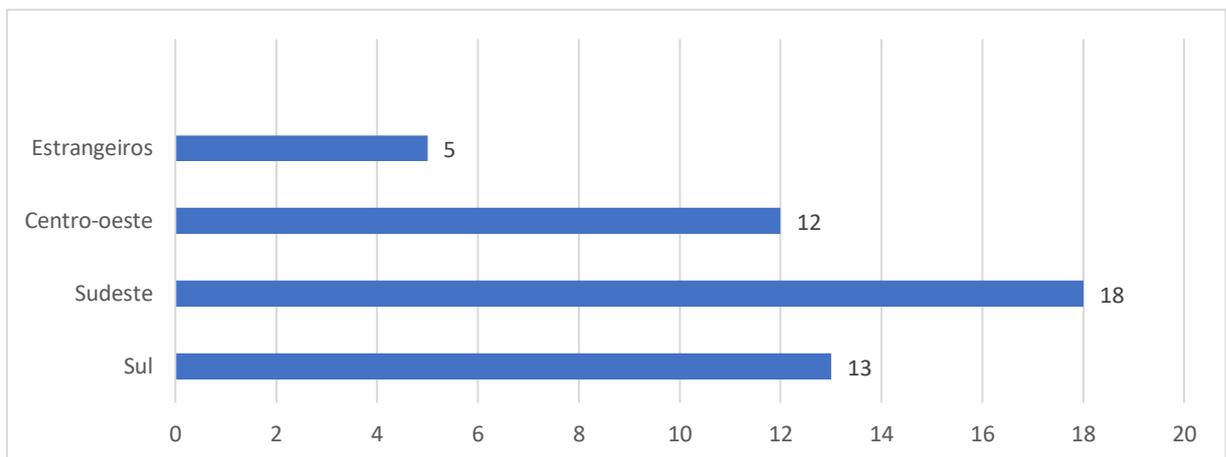
Ao analisarmos essas instituições em conjunto – Instituições federais e estaduais – observamos que elas são responsáveis pela publicação de quinze artigos (83,3%) e são identificadas como vínculo institucional de 37 autores. As universidades privadas,

são responsáveis por três artigos e vínculo de onze autores. Vale ressaltar que três instituições privadas (UMC, UGF e USJT) tiveram autoria conjunta com instituições públicas em três artigos, de acordo com a base de dados e as informações presentes no próprio artigo.

Os dados mostram o quanto a produção científica é grande nas universidades públicas federais e estaduais. Segundo a jornalista Mariluce Moura do portal Ciência na Rua (2019), “[...] mais de 95% dessa produção científica do Brasil nas bases internacionais deve-se, assim, à capacidade de pesquisa de suas universidades públicas”.

Ao analisarmos a produção por região, notamos a seguinte distribuição (Gráfico 5):

Gráfico 5 – Distribuição da filiação institucional dos autores por região



A análise da filiação institucional dos autores por região constatou que não houve participação de nenhum autor das regiões norte e nordeste do país. Dos 48 autores, dezoito são vinculados a instituições localizadas na região sudeste, correspondendo a 37,50%. Em seguida, aparecem as regiões sul, com treze autores, e a região centro-oeste, com doze autores. Os outros cinco autores são de instituições estrangeiras, demonstrando circulação de outros países nas revistas.

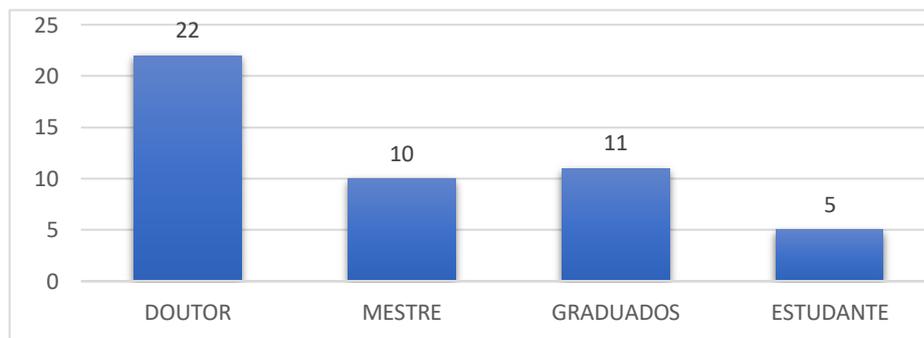
A possível explicação para a não contribuição das regiões norte e nordeste nas pesquisas científicas pode estar relacionada ao nível socioeconômico, refletindo diretamente nos campos educacionais. Segundo Costa e Sardenberg (1993, p. 172)

[...] Essa situação vem criando um ambiente de competição contraprodutivo entre os diferentes núcleos e pesquisadores, desfavorecendo sobretudo aqueles das regiões Norte e Nordeste, que não se beneficiam dos recursos acadêmicos provenientes de outras áreas do país, por acaso mais desenvolvidas.

[...] como diz o velho ditado, "dinheiro gera dinheiro", também a concentração desses recursos científico-acadêmicos no Centro-Sul, tende a gerar mais recursos dessa ordem para a região, ao passo que, salvo raras exceções, os centros de pesquisas situados em outras áreas do país, sobretudo nas regiões Norte-Nordeste, vêm-se emaranhados nas teias do círculo vicioso da "baixa produção científica", concorrendo, assim, em franca desvantagem pelos recursos progressivamente mais escassos para o fomento à pesquisa (Costa; Sardenberg, 1993, p. 172)

A análise da titulação dos autores apontou o seguinte cenário (Gráfico 6).

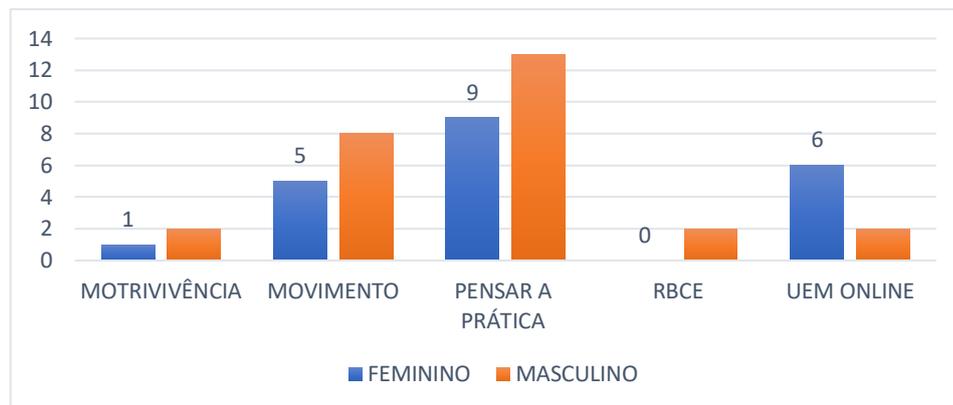
Gráfico 6 - Distribuição dos autores por titulação



Dos 48 autores identificados, 22 deles possuem doutorado (45,83%), dez possuem mestrado (20,83%), onze são graduados (22,92%) e cinco são estudantes (10,42%). Analisamos que, dos autores cuja titulação foi identificada, mestres e doutores somam 66,66% da autoria nos artigos. Isso pode ser resultado da participação dos programas de pós-graduação no desenvolvimento científico.

No Gráfico 7, foi analisado a relação de gênero (masculino e feminino) dos autores por revista.

Gráfico 7- Distribuição dos autores por gênero



Não é possível, a partir dos dados levantados, relatar grandes diferenças em relação à produtividade dos artigos nas revistas. Dos 48 autores que publicaram sobre a temática “Violência nas aulas de Educação Física”, 27 são homens (56,25%) e 21 são mulheres (43,75%). Todas as revistas tiveram participação das mulheres nos artigos, exceto a RBCE, que publicou apenas um texto e a autoria é somente dos homens. A maior participação feminina foi na Revista da Educação Física da UEM, em que o número de autoras ultrapassou a dos homens.

Com o aumento da produção científica feminina, Cruz (2011) diz que

Mesmo que as relações de gênero e a participação social das mulheres tenham mudado muito nas últimas décadas, mais em uns grupos sociais que em outros, ainda estamos muito longe de uma situação de equidade e de transformação cultural de desigualdade e subordinação, que persiste em toda a sociedade, está mantido e muda muito lentamente, dependendo muito também do contexto sociocultural (CRUZ, 2011, p. 2).

Buscamos a identificação do tipo de autoria dos artigos em função de compreendermos que a autoria múltipla tem sido o indicador utilizado para avaliar o nível de colaboração científica nas diversas áreas do conhecimento. Dessa maneira, identificamos nos 18 artigos a predominância da coautoria, conforme demonstra a Tabela 3.

Tabela 2 – Autoria dos artigos

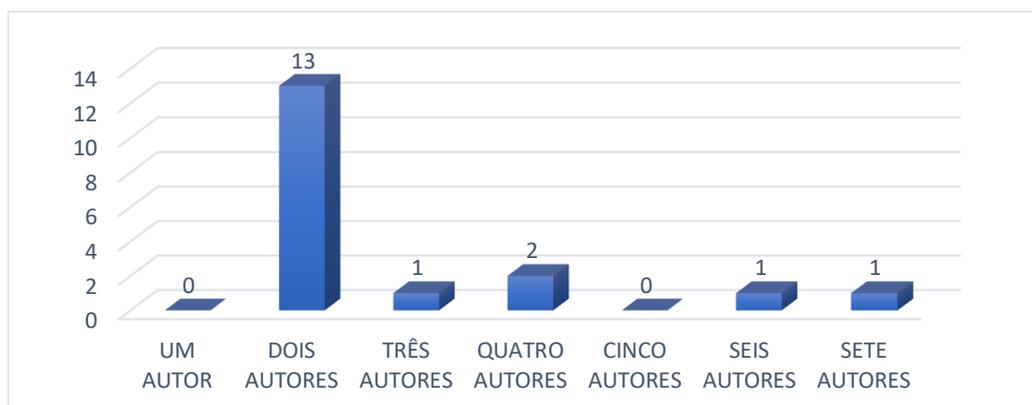
REVISTA	TIPO DE AUTORIA			
	INDIVIDUAL		COLETIVA	
	Nº	%	Nº	%
MOTRIVIVÊNCIA	0	0	2	11,11
MOVIMENTO	0	0	6	33,33
PENSAR A PRÁTICA	0	0	6	33,33
RBCE	0	0	1	5,56
UEM ONLINE	0	0	3	16,67
TOTAL	0	0%	18	100%

Observamos que a coautoria corresponde a 100% da produção dos artigos em análise. Esses dados corroboram com Garcia *et al* (2010, p, 561) que afirmam que

[...] a coautoria é amplamente aceita no mundo científico e até estimulada por colocar diferentes autores, institutos e instituições em contato para enfrentar grandes problemas. No entanto, é preciso observar certos critérios para evitar que esses objetivos fiquem em segundo plano e ela seja utilizada apenas como recurso para aumentar índices de produtividade de pesquisadores incluídos no trabalho por status ou por terem legitimidade no meio, não pela efetiva participação.

A distinção por tipo de autoria está relacionada no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Distribuição da produção por tipo de autoria

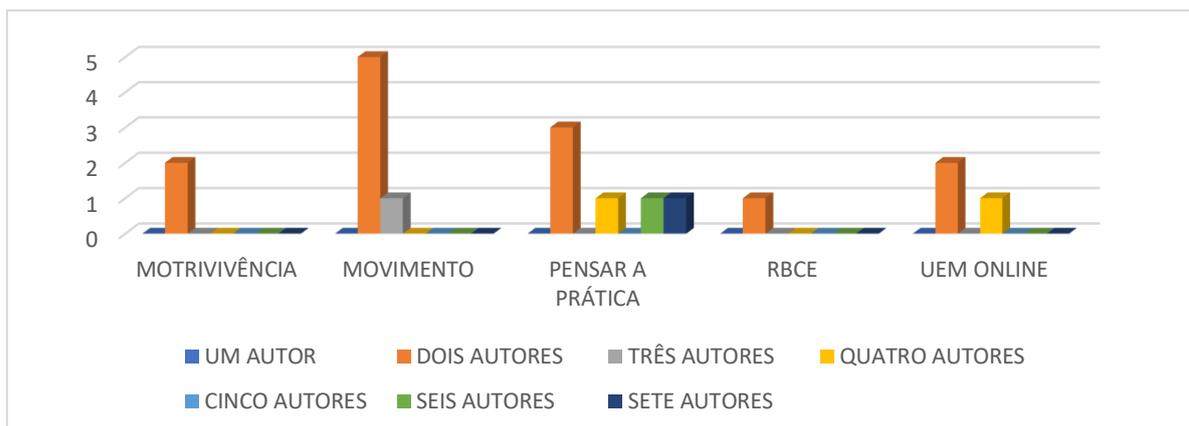


Analisando os dezoito artigos pela distribuição de autoria, todos são autoria múltipla. Treze foram escritos por dois autores; um por três autores; dois por quatro autores; um por seis autores e um por sete autores. De acordo com Vanz e Stumpf (2010, p. 49)

[...] Na produção científica nacional, as publicações em colaboração indexadas no ISI têm um impacto 40% maior do que aquelas escritas por autores individuais [...]. As razões para isto são diversas. Comprovou-se a tendência de que quanto maior o número de autores/instituições filiadas, maior a divulgação do trabalho e a possibilidade de citações (multiplicada pelo número de autores) [...]. Além do impacto, a colaboração também se apresenta relacionada à aceitação do artigo submetido devido ao grau de competência técnica exposto na multiautoria.

O Gráfico 9 aponta a distribuição da produção por revistas.

Gráfico 9 - Distribuição da produção por tipo de autoria nas revistas



Os dois artigos publicados pela Motrivivência foram escritos por dois autores. Dos seis artigos da revista Movimento, cinco foram escritos por dois autores e um foi escrito por três. Na Pensar a Prática, temos seis artigos, três escritos por dois autores, um escrito por quatro, um escrito por seis e um por sete autores. Na RBCE, temos apenas um artigo assinado por dois autores. Na Revista da Educação Física da UEM, dois artigos foram escritos por dois autores e um por quatro.

Os dados demonstram que na temática “Violência nas aulas de educação Física”, predomina a dupla autoria, encontrada em treze artigos.

A análise da tipologia dos textos (classificação da própria revista para identificação), é apresentada no Gráfico 10

Gráfico 10 – Tipologia dos Textos



Das dezoito publicações encontradas, notamos que treze são classificados como artigos originais. As demais classificações são: Aspectos pedagógicos e culturais, publicado pela UEM; porta aberta, publicado pela Motrivivência; ensaios, pela revista Movimento; artigos de revisão, publicado pela UEM – Online; e seção temática, pela Motrivivência. Vale lembrar que todos os artigos das demais classificações, possuem apenas um texto. Para Tani (2014), a publicação de artigos originais tem o papel de

contribuir para a solução de vários problemas e suprimento de várias lacunas da área. [...] com os cuidados apontados e correções de rumo sugeridos, devidamente considerados, continuarão a desempenhar importante papel no crescimento e consolidação acadêmico-científica da Educação Física/ Ciências do Esporte como área de conhecimento (TANI, 2014, p. 721).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise sobre o tema violência nas aulas de educação física, entre o período de 2010 a 2020, percebemos que não há uma produção e distribuição de maneira regular, porém destacamos o ano de 2014 com o maior número de produção. Das sete revistas, duas não publicaram sobre o tema (Licere e Revista de Educação Física e esporte – USP). As revistas Movimento e Pensar a prática, foram as que mais publicaram, totalizando doze artigos dos dezoito encontrados (66,67%).

Ao caracterizarmos a produção, enfatizamos a região sudeste por possuir a maior parte dos autores (18) e a UFRGS se destaca como instituição com maior filiação, oito autores assinando os artigos. As instituições públicas dispõem do maior número de publicações, somando juntas 17 instituições, do total de 24 instituições ao total.

Identificamos uma alta concentração na autoria coletiva, com domínio de artigos assinados por dois autores, com um total de treze artigos, acompanhando a tendência atual, no que se refere a autoria compartilhada no meio científico em geral.

A análise por gênero, demonstrou que 56,25% das publicações foram feitas por homens, entretanto, a revista UEM – online, mostra uma maior porcentagem das mulheres presentes em suas publicações.

Na distribuição de autores por titulação, percebemos que 45,83% possuem doutorado. Mestres, graduados e estudantes, somam juntos 54,17% das publicações e além disso, notamos que a maioria das publicações foram escritas por doutores com mestres. Na base de dados, analisamos que a maioria dos artigos são artigos originais, com 13 dos 18 publicados.

Mesmo com toda limitação, realizamos a caracterização da produção científica sobre violência nas aulas de educação física, e acreditamos que a quantidade de publicação ainda é baixa, pelos tantos noticiários que apresentam sobre o tema. Por fim, consideramos que a produção desse, seja de colaboração para o que se discute na área a temática, contribuindo para a identificação de assuntos mais ou menos explorados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M (Org.). **Escola e Violência**. Brasília, 2002. Acesso em março de 2022.
- ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino Americana, 2009.
- ALENCAR, J.C.P.M. A produção do conhecimento sobre a temática corpo e cultura: um panorama da região norte do Brasil. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p.21-38, jan/jun 2014.
- ALVES, B. H. **Aportes bibliométricos à produção científica nos principais periódicos da área de ciência da informação do Brasil no período de 2006-2010**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.
- BETTI, M. **Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.13, n.2, p.282-7, 1992.
- BOHN, M. D. C. Autores e autoria em periódicos brasileiros de ciência da informação. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.16, 2º sem. 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Viva: Instrutivo de notificação de violência interpessoal e autoprovocada**. 2ª edição. Brasília, 2016.
- _____. Secretaria da saúde. **Vigilância da Violência no Rio Grande do Sul**, publicado no Boletim Epidemiológico v. 20, n. 1-2 mar./jun., 2018.
- CARIBÉ, R. C. V. **Comunicação Científica: reflexões sobre o conceito**. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.25, n.3, p. 89-104, set./dez. 2015.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS- CGEE. **Panorama da ciência brasileira: 2015-2020**. Boletim Anual OCTI, Brasília, v.1, jun. 2021. 196 p.
- CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, no 8, 2o semestre 2002.
- CHIARINI, T.; VIEIRA, K. P. **Universidades como produtoras de conhecimento para o desenvolvimento econômico: sistema superior de ensino e as políticas de CT&I**. **Rev. Bras. Econ.**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 177-132, mar. 2012.
- COSTA, A. A.A.; SARDENBERG, C.M.B. **REDE REGIONAL NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO**. R. Bras. Enferm. Brasília, v. 46, n. 2, 171-175, abr./jun. 1993.
- CRUZ, Fátima. **Perspectiva de género en el desarrollo**. São Carlos, 2011
- DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. **Violência: um problema global de saúde pública**. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(Sup): 1163-1178, 2007.

DIAS, K. P. Educação Física X Violência. Editora Sprint, 1996. 112 p.

DOMINGOS, N. A. M. Perspectivas da produção científica da pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas. In: WITTER, G. P. **Produção científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editoria Alínea, 1999. p. 79-102.

FAPESP. **Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo**. Análise da produção científica a partir de publicações em periódicos especializados. 2010. Disponível em: <http://www.fapesp.br/indicadores/2010/volume1/cap4.pdf>. Acesso em 28 jun. 2017.

FARIA JUNIOR, A. G. FARIA E. J. C. Didática de educação física. In: Chagas, W. C. **O professor de educação física e a sua prática diante do bullying na escola**. 2014. Mato Grosso do Sul. Acesso em fevereiro de 2022.

FARIAS, S. A. **Internacionalização dos periódicos brasileiros**. RAE - Revista de Administração de Empresas, vol. 57, n. 4, 2017. Disponível em: <https://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-57-num-4-ano-2017-nid-53099/>

FERREIRA, Cleber dos Santos. **Práticas de violência no espaço escolar do Distrito Federal**: uma interpretação do fenômeno nas aulas de educação física. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

FILHO, S. C.; SCHWARTZ, G. M. Jogos cooperativos e condutas violentas: visão do Professor de Educação Física. In AMARAL, C. P. **A violência durante as aulas de educação física entre os alunos do ensino fundamental 2 na escola domingos de Jesus em formosa-go**. Brasília, 2012. Acesso em fevereiro de 2022.

GARCIA, C. C. *et al.* **Autoria em artigos científicos: os novos desafios***. Ver. Bras. Cir. Cardiovasc. 2010; 25(4): 559-567.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HILU, L.; GISI, M.L. **Produção científica no Brasil: um comparativo entre universidades públicas e privadas**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., PUC-PR, Curitiba, 07-10 nov. Anais eletrônicos. Curitiba: PUC-PR, 2011, p.5667-5670. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5221_3061.pdf >.

KAMINSKI, M. G. A.; EL TASA, K. O. M. **A prática pedagógica do professor de Educação Física e a violência no contexto escolar**. 2010.

KRUG, E.G. *et al.* **World report on violence and health** Geneva: World Health Organization, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed., São Paulo, Atlas, 2003. 183p.

LOPES NETO, A. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria. 2005. vol. 81, n.5, supl. p. 164-172.

LOURENÇO, C. A. **Produção científica via currículo: Estudo de casos em tecnologia de alimentos.** Cap. 16. In: WITTER, Geraldina. (Org). Produção científica. Campinas, Átomo, 1997. P.213-224.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica.** Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MELLO, T. L.; CAMPOS, D.A de. Situações de violência nas aulas de Educação Física e a prática pedagógica do professor. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 4, out./dez. 2018

MIRANDA, D. B. **O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura.** Ciência da Informação, v.25, n.3, 1996.

MOURA, Mariluce. **Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil.** Ciência na Rua. Disponível em: < <https://ciencianarua.net/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/> >. Acesso em 20 mar. 2022.

MUELLER, S. P. M. **O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais.** DataGramZero, n.0, dez. 1999.

NASCIMENTO, A.C.S. **Editoração de periódicos científicos no campo da Educação Física.** In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Caxambu, 2003.

OHIRA, M. L. B.; SOMBRIO, M. L. L. N.; PRADO, N. P. **Periódicos brasileiros especializados em biblioteconomia e ciência da informação.** Encontros Bibli: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 10, out. 2000.

PATOU-MATHIS, Marylène. **As origens da violência.** UNESCO. Disponível em < <https://pt.unesco.org/courier/2020-1/origens-da-violencia>>. Acesso em 01 de março de 2022.

PAVIANI, J. **Conceitos e Formas de Violência.** In: Conceitos e formas de violência – Maura Regina Modena (Org.), p. 8 – 20. 2016.

PILETTI, N. **História da Educação no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; COUTO, M. T. **Violência e saúde: estudos científicos recentes.** In: Rev Saúde Pública 2006;40(N Esp):112-120.

Sistema de Bibliotecas da UNICAMP. **Periódicos Científicos.** São Paulo: Campinas. SBU Unicamp, 2019. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/sbu/periodicos-cientificos/> . Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996.

_____. Revistas universitárias brasileiras: barreiras na sua produção. **Transinformação**, v. 9, n. 1, p. 45-57, 1997.

_____. **Reflexões sobre as Revistas Brasileiras.** V. 1, n. 3, 2000.

TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA. Rio Grande do Sul: Centro Estadual de Vigilância em Saúde. Disponível em <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia> . Acesso em 07 de março de 2022.

TANI, G. Editoração de periódicos em Educação Física/Ciências do Esporte: dificuldades e desafios. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n.4, p. 715-722, 2014.

VANZ, S. A. S. **As redes de colaboração no Brasil (2004-2006)**. 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VANZ, S. A. de S.; STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, p.42-55, maio. /ago. 2010.